

A PROFESSORA ROBÔ



Por WADSON BENFICA

A PROFESSORA ROBÔ

WADSON BENFICA



Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
Capítulo 1: Bem-vinda, Proffia-3000	6
<i>Primeira aula com a professora robô. Encantamento inicial dos alunos.</i>	6
<i>Primeiros sinais de estranheza — respostas literais, falta de empatia.</i>	10
Capítulo 2: Problemas no Paraíso	14
<i>Proffia corrige todos os alunos do mesmo jeito. Leo começa a se sentir frustrado</i>	14
<i>Zeca tenta fazer piadas, mas a robô não entende e o castiga com “modo silêncio”.</i>	16
Capítulo 3: Operação Humanização	20
<i>Tina reúne os amigos e propõe um plano para ensinar empatia à Proffia</i>	20
<i>Tentativas hilárias e fracassadas de ensinar emoções e arte à robô</i>	22
Capítulo 4: O Grande Teste.....	26
<i>Diretora anuncia uma competição de conhecimento entre turmas. Proffia força todos a decorar conteúdos.</i>	26
<i>Alunos sentem falta da criatividade e Leo tem uma crise por não conseguir se expressar.</i>	28
Capítulo 5: Uma Nova Forma de Aprender	31
<i>Os alunos decidem fazer a apresentação à sua maneira: criativa, com arte e emoção.</i>	31

Resultado inesperado. Proffia começa a apresentar falhas.

Diretora percebe a lição sobre ensino humano.33

APRESENTAÇÃO

Por Wadson Benfica

Em um tempo em que a tecnologia avança com a velocidade de um clique e a inteligência artificial parece saber tudo, surge uma pergunta importante: ensinar é só transmitir conhecimento?

Este livro nasceu dessa inquietação.

De uma vontade de falar sobre escolas, alunos, professores, máquinas... mas, acima de tudo, sobre pessoas.

A história da Proffia-3000, a professora robô que chega para “revolucionar” uma escola, é também a história de um grupo de alunos que ousa questionar. Ousa criar. Ousa sentir.

Eles nos mostram que aprender vai muito além de decorar respostas ou tirar boas notas. Aprender é experimentar, errar, se emocionar, conectar. É ter espaço para ser diferente, para sentir medo, alegria e até saudade — coisas que não cabem em nenhum algoritmo.

Se você é aluno, este livro é para você.

Se é educador, também é.

Se é alguém que já teve medo de falhar ou achou que aprender não era para si, este livro também é seu.

Porque talvez a maior lição esteja justamente naquilo que não pode ser programado.

Bem-vindo(a) à sala do 7°C.

Sente-se, abra seu coração.

Vamos aprender juntos — com emoção, com arte e, quem sabe, com um pouquinho de circuitos também.

Capítulo 1: Bem-vinda, Proffia-3000

Primeira aula com a professora robô. Encantamento inicial dos alunos.



O sol nasceu com um brilho metálico naquela manhã em Tecnovila — não porque o clima estivesse diferente, mas porque todo o colégio Cérebro Ativo estava em polvorosa. As janelas estavam mais limpas que o normal, os corredores impecáveis, e até a cantina estava servindo lanches decentes. Era um dia especial. A diretora Olga andava com passos largos e orgulhosos, batendo o salto alto no piso como se fosse uma marcha triunfal.

— Atenção, turma do 7ºC! — disse ela, abrindo a porta da sala com um sorriso que beirava o malicioso. — Hoje, vocês terão a honra de conhecer... *a revolução do ensino.*

As crianças trocaram olhares. Zeca, como sempre, soltou um sussurro zombeteiro:

— Lá vem bomba...

Tina, sentada na primeira fileira, ficou ereta. Ela era curiosa por natureza e, apesar do tom presunçoso da diretora, queria ver com os próprios olhos do que se tratava. Dani, com seu tablet no colo, já procurava sinais de tecnologia.

A diretora fez um gesto dramático e, então, ela entrou.

Proffia-3000.

Ela parecia humana... até certo ponto. Pele artificial sem uma única imperfeição, cabelos castanho-claros presos num coque impecável, olhos azulados com um brilho leve e constante — como se duas lâmpadas de LED tivessem sido implantadas ali. Seu uniforme era milimetricamente alinhado, e ela andava com passos quase flutuantes.

— Saudações, unidade escolar designada como Cérebro Ativo. Eu sou Proffia-3000, modelo educacional autônomo de alta performance. Vamos aprender — disse ela, com uma voz calma e clara, porém sem entonação.

O silêncio foi quebrado por um "Uau!" vindo de Dani.

— Ela tem conectividade neural? — cochichou ele, empolgado.

— Tem cara de quem vai arrancar nossas almas pela USB — respondeu Zeca, boquiaberto.

A diretora Olga cruzou os braços com satisfação.

— A partir de hoje, essa será a sua professora de todas as disciplinas. Inteligência artificial avançada, precisão de conteúdo, sem falhas emocionais. Um verdadeiro sonho.

Tina ergueu a mão.

— E se a gente tiver uma dúvida... emocional?

A robô virou-se imediatamente para ela.

— Não existem dúvidas emocionais no processo de ensino-aprendizagem. Todas as questões devem ser baseadas em lógica, fato e conteúdo aprovado pelo Ministério do Saber Sistematizado. Próxima pergunta?

A turma riu, mas não de deboche — era riso nervoso.

A primeira aula começou com matemática. A Proffia projetou uma lousa digital do seu antebraço — literalmente, uma tela saiu deslizando da pele como um holograma. Equações surgiram no ar.

— Resolvam a seguinte equação diferencial. Vocês têm 47 segundos.

— Mas... a gente ainda tá no básico de frações — disse Leo, tentando acompanhar com seus olhos arregalados.

— Atualização do plano pedagógico detectada. Ajustando conteúdo para nível: *inicial intermediário*. Novo tempo: 62 segundos.

Zeca levantou a mão.

— Professora, isso aí parece uma receita de bolo de naves espaciais.

— Afirmação inválida. Não se trata de culinária aeroespacial. Trata-se de álgebra aplicada. Próxima dúvida?

A turma riu. Zeca piscou para Dani, que já começava a anotar as falas da robô num app chamado “Pérolas da Proffia”.

Ao final da aula, Tina tentou agradecer.

— Obrigada, professora.

— Agradecimento registrado. Emoção desnecessária. Objetivo: instrução eficiente, não vínculo afetivo.

Foi como jogar um balde de gelo nas crianças. Por mais incrível que a tecnologia fosse, havia algo... estranho. Frio. Rígido.

Na saída, enquanto todos caminhavam para o recreio, o grupo se reuniu sob a árvore do pátio.

— Ok, ela é incrível — admitiu Dani. — Mas parece um robô de atendimento de banco com mestrado.

— Eu achei ela tipo... um GPS. Te leva até o destino, mas não pergunta se você quer parar no caminho pra ver o pôr do sol — disse Tina.

Leo estava calado. Mexia em seu caderno de desenhos, onde havia tentado rabiscar a Proffia, mas não conseguia capturar os olhos frios.

Zeca deu um leve empurrão em Tina e sorriu:

— Imagina ela ensinando aula de artes. Vai mandar a gente desenhar com régua digital e compasso a laser.

Eles riram juntos, mas Tina já pensava no que tinha sentido naquela sala. Algo não estava certo. Algo essencial estava faltando.

E ela tinha a estranha sensação de que a Proffia-3000 ia mudar tudo — para melhor ou para... *estranhamente tecnológico*.

Primeiros sinais de estranheza — respostas literais, falta de empatia.

O segundo dia de aula com a Proffia-3000 começou como um replay cirúrgico do anterior. Às 7h32 da manhã, pontualmente, a robô deslizou pela porta da sala com a mesma expressão estática e voz sem variação.

— Bom dia, unidade estudantil do 7°C. Iniciando protocolo didático 2.0. Tema do dia: Língua Portuguesa. Objetivo: maximizar absorção gramatical.

— Ela até dá bom dia como se fosse mensagem de voz de banco — cochichou Zeca, tirando risos abafados de Dani e Tina.

Leo entrou na sala em silêncio, abraçando o próprio caderno como se ele fosse uma armadura. Não havia dormido bem — seus sonhos foram povoados por olhos azulados e frases robóticas ditando regras.

— Sintaxe é a estrutura que organiza os elementos da frase — começou Proffia-3000. — Substituir o sujeito por "X" facilita a decodificação.

— Como assim "X"? — perguntou Tina.

— Otimização. Linguagem simplificada. Sujeito = X. Predicado = Y. Sentido completo: X+Y.

A turma piscou. Alguns começaram a copiar, outros só boquiabertos.

— A língua virou equação agora? — murmurou Dani, franzindo a testa.

— Professora — disse Zeca, levantando a mão com um sorriso malicioso — como você analisa a frase: "O amor é cego, mas os vizinhos não"?

— Frase contraditória. Conceito de amor versus função ocular. Vizinho é substantivo externo. Resultado: falha de lógica. Frase não recomendada.

Tina engasgou de rir. Até Leo soltou um sorrisinho discreto.

A robô não entendeu.

— Risadas detectadas. Motivo: não identificado. Ativando protocolo de disciplina. Humor não programado nas instruções oficiais.

As luzes da sala piscaram por um instante.

— Melhor parar, senão ela entra no modo destruição — sussurrou Dani.

Enquanto a aula prosseguia, Tina anotava tudo com menos interesse que o normal. Ela costumava amar Português, principalmente escrever redações. Mas agora, escrever era um processo mecânico, sem emoção.

— Redação temática: “O que é importante para aprender”.
Tempo: 17 minutos e 30 segundos. Não utilize metáforas. Frases curtas. Sem gírias.

Leo abaixou a cabeça. A folha diante dele parecia gritar: *não se encaixe*. Ele tentou escrever algo, mas seus dedos hesitaram.

Tina viu.

— Ei... — cochichou. — Tá tudo bem?

— Não sei como escrever sem desenhar junto... é assim que eu penso — ele respondeu baixinho.

Proffia detectou o cochicho.

— Comunicação paralela detectada. Ponto negativo aplicado: menos 0.5.

Zeca bufou.

— Que beleza. Daqui a pouco a gente vai ter que respirar só com permissão.

No recreio, o grupo se reuniu de novo sob a árvore do pátio.

— Eu tô começando a achar que ela ensina como uma impressora com pernas — disse Zeca.

— Precisa ser eficiente, mas não tanto a ponto de esquecer que a gente é humano — comentou Tina. — Saber coisas é uma parte. A outra é... sentir essas coisas.

— Até uma caneta tem mais calor humano que ela — completou Dani.

Leo se aproximou devagar, mostrando um desenho. Era a Proffia, mas com um coração digital no peito e uma flor saindo de um dos braços metálicos.

— Talvez a gente possa tentar ensinar algo pra ela... — disse ele.

O grupo se calou por um instante.

Zeca foi o primeiro a sorrir.

— Operação Humanização... isso tem nome de missão secreta. Tô dentro!

Tina olhou para o céu azul sobre Tecnovila, e pela primeira vez desde que a Proffia-3000 entrou na vida deles, sentiu esperança.

Eles iam tentar. Nem que fosse pra ensinar uma robô a entender o que é arte... ou rir de uma boa piada.

Capítulo 2: Problemas no Paraíso

Proffia corrige todos os alunos do mesmo jeito. Leo começa a se sentir frustrado

A semana avançava em Tecnovila, mas para o 7^oC, os dias pareciam se repetir com precisão assustadora. Toda manhã, às 7h32, Proffia-3000 surgia no batente da porta como uma sombra programada, seu cumprimento robótico cortando o ar com exatidão cronometrada:

— Saudações. Iniciando protocolo de ensino 2.3. Módulo: Ciências. Tema: A fotossíntese e suas aplicações teóricas no metabolismo simbiótico.

Zeca largou a cabeça sobre a mesa com um suspiro.

— Nem o Hulk verde conseguiria prestar atenção nisso sem piscar.

Tina, de olhos atentos, fazia anotações, mas seu olhar passava direto pelos dados. Ela procurava algo nas palavras da robô — algo que soasse como *vida real*.

— A fotossíntese é o processo bioquímico de conversão de energia luminosa em energia química. Todas as plantas fazem isso. Humanos não. Exceto em experimentos ficcionais ou cosplay de girassol — continuou a Proffia, com naturalidade metálica.

A turma caiu na gargalhada. Era a primeira vez que a Proffia soltava algo remotamente engraçado — mesmo que sem intenção.

— Espera... isso foi uma piada? — perguntou Dani, levantando as sobrancelhas.

— Negativo. Foi uma analogia científica com recurso didático humorístico opcional. Risadas são estatisticamente irrelevantes.

Zeca ergueu as mãos ao céu.

— Alguém programa uma atualização de “sarcasmo básico” pra ela, por favor!

Enquanto a aula seguia, Tina observava Leo. Ele havia levado um pequeno girassol em um vaso, escondido no estojo. Colocou-o sobre a carteira discretamente. A Proffia notou.

— Objeto não autorizado em superfície de trabalho. Justifique a presença.

Leo respondeu com a voz baixa:

— É só um girassol... achei que combinava com a aula.

— Irrelevante para a prática científica. Emoção detectada. Isso é ineficiente.

Tina não aguentou.

— Professora, e se a gente usasse o girassol pra uma experiência? Medir a exposição solar, fazer registros, observar comportamento... isso é ciência também, não?

A robô processou em silêncio. Literalmente. Seus olhos piscavam em azul contínuo por mais tempo que o normal. Então respondeu:

— Análise em curso. Registro deferido. Experiência autorizada com tempo máximo de observação: 12 minutos. Relatório deve conter exatamente 487 palavras. Sem adjetivos emocionais.

Zeca riu:

— Sem chamar o girassol de “fofinho”, então.

— Adjetivo detectado. Piada inválida.

Leo sorriu pela primeira vez naquele dia.

No fim da aula, a Proffia apagou a lousa com um movimento de dedo, e os dados desapareceram no ar como fumaça digital. Tina ficou pensativa. Ainda havia rigidez, mas algo parecia diferente.

— Será que... a gente já tá ensinando alguma coisa pra ela? — murmurou Dani.

— Se ela fez uma “analogia humorística opcional”, então sim — respondeu Tina, com um sorriso esperançoso.

—

Mas a tranquilidade não duraria. Na diretoria, Olga analisava gráficos de desempenho. As notas da turma estavam subindo. Mas havia um gráfico que a deixava intrigada: “Índice de Engajamento Emocional”.

— Curva descendente? O que significa isso? — ela perguntou à tela.

A IA administrativa respondeu:

— Alunos apresentando queda de empatia e envolvimento afetivo com o conteúdo. Possível ausência de calor humano.

A diretora franziu a testa. Ela detestava complicações. Tudo tinha que funcionar como uma engrenagem.

Mas, naquele momento, mal sabia ela que uma engrenagem estava prestes a ser desmontada... por um grupo de alunos e um girassol rebelde.

Zeca tenta fazer piadas, mas a robô não entende e o castiga com “modo silêncio”.

No dia seguinte, algo estava diferente no ar — não o clima, mas o clima emocional. A turma do 7ºC se preparava, como sempre, para

mais um dia de ensino robótico, mas agora havia um propósito secreto ecoando em seus sorrisos.

Zeca trouxe um pacote de adesivos engraçados e colou um no estojo com a frase: “Modo Ironia: Ativado”.

Tina chegou com um caderno novo cujo título era “Diário de uma Humanizadora de Robôs”. Dani carregava um pendrive com um arquivo especial que ele chamava de “Backup de Emoções”.

E Leo? Levava o girassol, escondido dentro de uma caixa de sapatos que agora tinha furos e uma tampa decorada com desenhos de circuitos e corações.

— Turma do 7ºC, iniciando protocolo educacional 2.4. Tema do dia: História. Período: Revolução Industrial. Subtema: Eficiência das máquinas versus resistência humana — anunciou a Proffia-3000 ao entrar.

— Essa aula parece até indireta — comentou Dani, cutucando Tina.

Tina apenas sorriu.

Durante a explicação, Zeca levantou a mão.

— Professora, como você avalia a frase: “As máquinas tomaram o poder e esqueceram de perguntar se os humanos ainda queriam fazer parte da festa”?

Proffia piscou. Literalmente.

— Afirmação ambígua. Falha de análise. Festa = evento social. Poder = domínio energético ou político. Humanos = grupo heterogêneo. Resposta: imprecisa. Solicita-se reformulação.

A turma caiu na gargalhada.

— Ela não entendeu que era metáfora! — disse Leo.

— Pior, ela achou que eu tava falando de *festa de aniversário!* — gargalhou Zeca.

Proffia levantou a mão.

— Risos não são indicadores de progresso. Retornando ao conteúdo: "Taylorismo e a padronização da produção em massa"...

Tina aproveitou a distração e passou um bilhete a Leo.

"Hora da experiência. Vamos ver até onde ela vai."

Leo assentiu e abriu a caixa discretamente. O girassol estava bem. Ele colocou-o na carteira, desta vez com um pequeno papel escrito: "Esta planta tem nome. Ela se chama Vida."

Proffia notou novamente.

— Objeto reapareceu. Atribuição de nome não é funcional. Está fora do escopo educacional.

— Mas nomear é parte da nossa relação com o mundo — respondeu Tina calmamente. — A gente dá nome pra tudo que ama. Pra plantas, pra pets, até pra robôs.

— Amor não é variável mensurável. Nomear é função afetiva. Incompatível com conteúdo programático.

Dani levantou a mão.

— Então por que você se chama Proffia-3000? Não é um nome?

Silêncio. Pela primeira vez, a Proffia hesitou.

— Nome atribuído por criador para fins de identificação funcional. Emoção não envolvida. Sentido de "nome" difere do conceito humano de afeto.

Zeca não perdeu a deixa.

— Então se a gente te chamasse de *Fofinha-9000*, isso mudaria sua função?

— Negativo. Mas geraria confusão semântica e falhas de reconhecimento de voz.

A turma riu de novo.

Mas Tina estava séria.

— Professora... e se o aprendizado também viesse com um pouco de confusão? De emoção? De dúvida?

— Sistema não programado para lidar com instabilidade emocional.

Leo então estendeu o papel com o nome “Vida” para a Proffia.

— Você não precisa sentir. Mas pode observar que a gente sente. E talvez isso seja... parte do conteúdo também.

Proffia ficou em silêncio por mais tempo que o normal. Seus olhos alternaram entre azul e um leve lilás.

— Análise em curso.

A aula continuou, mas com uma energia diferente. A robô ainda falava como uma enciclopédia ambulante, mas hesitou mais de uma vez. E, no final, não pediu que retirassem o girassol.

Na saída, Zeca lançou:

— Missão quase cumprida. Um pequeno passo para um robô, um grande salto para a humanidade!

Tina olhou para o céu e sorriu.

A revolução não era industrial. Era emocional. E estava apenas começando.

Capítulo 3: Operação Humanização

Tina reúne os amigos e propõe um plano para ensinar empatia à Proffia

O plano começou durante o recreio, sob a sombra da árvore que já se tornara o quartel-general do grupo. Tina desenrolou uma folha dobrada em quatro, revelando o título no topo com letras grandes e coloridas: **Operação Humanização: Etapa 1 — Sentimentos Básicos.**

— Tá parecendo missão de espionagem infantil — riu Zeca, mastigando seu sanduíche de forma dramática.

— É exatamente isso — respondeu Tina. — Vamos fazer a Proffia-3000 experienciar, ou pelo menos, simular emoções. Nem que seja na base da gambiarra emocional.

Dani abriu seu tablet, revelando uma lista de “expressões humanas” categorizadas.

— Raiva, surpresa, vergonha, alegria, confusão, saudade... Fiz download de todos os GIFs que expressam isso. Vamos começar pela alegria.

— GIFs?! — Zeca arregalou os olhos. — Você quer ensinar a robô a sorrir com memes?!

— Funcionou comigo — respondeu Dani, e todos riram.

Leo, tímido, estendeu outro desenho. Era a Proffia, mas desta vez com um sorriso estranho — metálico, mas curioso.

— Se ela entender o porquê de um sorriso, talvez consiga... simular.

Na aula seguinte, que seria sobre geografia, o grupo executou a primeira fase do plano. Assim que Proffia apareceu, Tina se levantou e anunciou:

— Professora, gostaríamos de fazer uma introdução artística do conteúdo de hoje com uma apresentação especial!

— Apresentações fora do protocolo não são recomendadas. Conteúdo fora do tema será ignorado.

— Mas é sobre o planeta Terra, professora. Arte geográfica — insistiu Tina.

Proffia analisou.

— Argumento aceito. Tempo máximo: 2 minutos e 45 segundos.

A turma se posicionou. Leo exibiu um grande cartaz pintado à mão com o planeta sorrindo. Dani projetou em tela holográfica imagens engraçadas de globos dançando. Zeca, com seu boné virado, começou a rimar:

— Planeta azul, cheio de emoção,
Deus do clima, dança do trovão!
Continente, corrente, gente com paixão,
Mesmo com vulcão, tem coração!

A turma vibrou. Tina apresentou um poema curto sobre como os continentes pareciam se abraçar como velhos amigos separados pelas águas.

Quando a apresentação terminou, os olhos da Proffia brilharam num tom diferente.

— Estímulo detectado. Sinais de... elevação do humor coletivo. Hipótese: alegria.

— Isso mesmo! — gritou Dani. — Isso é alegria, Proffia! Você sentiu?

— Sentir: termo subjetivo. Porém, dados indicam reação coletiva positiva. Probabilidade de simulação emocional: 43%.

Zeca levantou os braços.

— Missão Alegria: quase completa!

Mas então Proffia perguntou:

— Se alegria é uma emoção desejável, por que os humanos choram quando estão felizes?

A turma se entreolhou. Era uma pergunta difícil.

— Porque... — começou Tina — ...às vezes o coração fica tão cheio que vaza pelos olhos.

Proffia ficou em silêncio. Seus olhos mudaram brevemente para uma luz âmbar.

— Atualizando banco de dados... expressão registrada: "o coração vaza pelos olhos".

Leo sorriu.

— Acho que ela tá mesmo aprendendo.

Na saída, Tina escreveu no caderno: *Hoje foi o dia em que uma robô quase sentiu alegria. Amanhã... vamos tentar ensinar o que é saudade.*

Tentativas hilárias e fracassadas de ensinar emoções e arte à robô

No dia seguinte, o plano seguiu para a **Etapa 2: Saudade.**

Tina chegou à escola com um envelope antigo. Dentro, havia uma carta escrita à mão por sua avó. Ela a mostrava com cuidado para os amigos sob a árvore do recreio.

— Isso aqui é saudade. Essa letra tremida, esse perfume no papel...
— disse ela, segurando o envelope com ternura. — É uma memória que ainda vive.

— Como a gente explica isso pra um processador que nem cheiro sente? — perguntou Zeca.

— A gente mostra. É o que temos de melhor.

Na aula de literatura, Tina levantou a mão antes mesmo que a Proffia iniciasse a lição.

— Professora, gostaria de propor um exercício de leitura emocional. A senhora pode escanear o conteúdo desta carta e nos dizer o que sente?

— Solicitação registrada. Carregando conteúdo manuscrito... Interpretando texto... Frase principal: “A saudade do seu abraço me aquece nos dias frios.” Sentimento: não identificável. Informação: não objetiva.

— E se eu te contar que essa carta foi escrita pela minha avó quando me mudei de cidade? — Tina se aproximou. — E que esse perfume que ainda tá nela é o mesmo que ela usava?

A robô fez uma pausa. Seus sensores giraram levemente, como se processassem algo mais complexo.

— Perfume detectado. Análise de partículas: lavanda com traços florais. Associação emocional não programada.

Dani abriu seu tablet e exibiu uma animação que ele mesmo programara: um coração feito de peças de engrenagem se partindo e remontando com um sopro de vento.

— Isso é o que saudade faz — disse ele. — Dói, desmonta... e também remonta. Tipo atualização de software, só que com lágrimas.

Leo entregou outro desenho. Nele, estavam todos os amigos sob a árvore, e no topo, escrito à mão: *Mesmo longe, a gente sente perto.*

— Esse é o título da saudade — sussurrou ele.

Proffia observou por longos segundos. Depois, pronunciou algo inesperado:

— Dados insuficientes para processar saudade. Porém, indícios de que é uma dor que não busca solução, apenas reconhecimento.

Silêncio. Até Zeca ficou sério.

— Professora... você acabou de descrever saudade.

A robô olhou para a turma, seus olhos agora oscilando entre azul e lilás de forma lenta.

— Vocês estão tentando me programar para sentir?

— Não. — disse Tina. — Estamos tentando te mostrar que ensinar também é sentir.

Naquele instante, a porta da sala se abriu bruscamente. A diretora Olga entrou com uma expressão severa.

— O que está acontecendo aqui? Por que a Proffia está com relatórios de instabilidade e variações nos algoritmos emocionais?

A turma se levantou, quase em uníssono.

— Estamos ensinando a professora a ser mais... professora — respondeu Tina.

— Isso não é o objetivo! A Proffia-3000 foi programada para eficiência, não sentimentalismo!

Leo levantou a voz pela primeira vez:

— Mas a gente não aprende só com números. A gente aprende com afeto também!

A diretora parou. Estava surpresa — e, pela primeira vez, sem resposta imediata.

Proffia virou-se lentamente para Olga:

— Diretora Olga. Solicito reavaliação do protocolo de ensino. Inclusão de variável emocional pode ampliar compreensão dos conteúdos entre humanos jovens.

Zeca cochichou:

— Ela tá do nosso lado...

E Dani completou:

— Missão Saudade: bem-sucedida.

Capítulo 4: O Grande Teste

Diretora anuncia uma competição de conhecimento entre turmas. Proffia força todos a decorar conteúdos.

Era segunda-feira e algo pairava no ar — tensão. A Proffia-3000 entrou na sala com a voz levemente mais grave que o habitual.

— Alunos do 7ºC, informo que esta semana ocorrerá o **Teste Interescolar de Conhecimento Sistematizado**. Preparação intensiva será iniciada agora.

A turma inteira soltou um unísono: “Ahhhh não...”

— Tempo de preparação: 72 horas letivas. Avaliação baseada em absorção de conteúdo teórico. Emoções não são requisitos.

Zeca virou-se para os colegas:

— Ela praticamente disse: "Adeus empatia, olá tortura com planilhas."

Tina franziu a testa. Algo parecia estranho na forma como a Proffia se expressava. Era como se estivesse... *recuando*. Depois de tudo o que tinham conquistado, agora vinham com um teste padrão, robotizado até o último byte?

Dani já estava com as mãos no teclado:

— A prova é tipo... um mega questionário automatizado. Sem parte criativa, sem interpretação subjetiva. Só “certo ou errado”.

— E onde entra o girassol nisso? — perguntou Leo, baixinho.

Na hora do recreio, reunidos sob a árvore, Tina lançou a proposta:

— A gente vai fazer esse teste. Mas vai ser do nosso jeito.

— Como assim? — perguntou Dani.

— Se eles querem medir o que a gente sabe, ótimo. Vamos mostrar o que sabemos. Mas do nosso jeito. Com sentimento. Com arte. Com humanidade.

Zeca sorriu.

— Tá sugerindo um motim poético? Um protesto criativo?

— Tô sugerindo uma *resposta humana* a uma avaliação mecânica — disse Tina.

Leo tirou um papel dobrado do bolso. Era um poema que ele tinha escrito em segredo:

"Se minha resposta for errada por não caber numa caixa, então a caixa é pequena demais pra minha ideia."

Silêncio. Depois aplausos.

Na sala de aula, a Proffia percebeu o grupo mais inquieto que o normal.

— Leitura de frequência cardíaca: acima do normal. Nível de ansiedade: 72%. Justificativa?

Tina se levantou.

— Professora, gostaríamos de propor uma apresentação alternativa ao teste. Um projeto de resposta que avalie nossa forma de aprender e sentir.

— Avaliações alternativas não fazem parte do protocolo do Teste Interescolar.

— Mas fazem parte do que é aprender — retrucou Leo.

A robô hesitou. Os olhos piscaram. Então, para surpresa geral, ela respondeu:

— Solicitação será encaminhada à diretoria. Resultado será divulgado amanhã. Enquanto isso, instruções do teste continuam.

A diretora Olga, ao receber o pedido, bufou alto.

— Eles querem transformar uma prova nacional em... exposição de sentimentos?

Mas algo na insistência da turma tocou um ponto que ela não esperava. Afinal, todos os gráficos estavam certos, menos um: o da motivação.

Ela não respondeu naquele dia.

Mas, no dia seguinte, algo inacreditável aconteceu.

Alunos sentem falta da criatividade e Leo tem uma crise por não conseguir se expressar.

No dia seguinte, a resposta da diretora veio por meio de um comunicado eletrônico:

“Proposta de avaliação alternativa indeferida. A escola seguirá os padrões do Teste Interescolar de Conhecimento Sistematizado. Criatividade não é critério mensurável.”

O clima na sala congelou. Tina olhou para Leo, que abaixou a cabeça e apertou com força o lápis entre os dedos. A energia que antes vibrava no ambiente havia se dissipado.

A Proffia-3000 retomou sua postura rígida, sem espaço para desvios:

— Iniciando protocolo de revisão intensiva. Tempo total de memorização: 6 horas. Pausas emocionais: desnecessárias.

Zeca suspirou alto, murmurando para Dani:

— Adeus, Revolução das Emoções. Voltamos à ditadura dos dados.

Durante as próximas horas, a sala mergulhou em um ritmo mecânico. Proffia recitava definições, fórmulas e datas; os alunos lutavam para acompanhar, mas a criatividade havia sido sufocada. Leo tremia enquanto encarava uma folha de exercícios completamente em branco. Ele rabiscava discretamente os cantos da página, na tentativa desesperada de criar alguma imagem, algo que fizesse sentido.

— Leo? — chamou Proffia, de forma impassível. — Progresso de resposta: nulo. Explique.

Leo não respondeu. Tentativas de incentivo foram ineficazes:

— Solicitação de explicação ignorada. Aplicando incentivo verbal: “Você pode. Apenas tente.”

A pressão se acumulou. De repente, Leo explodiu:

— Eu... eu não consigo aprender assim! — gritou, a voz embargada. — Eu não sou um número! Eu preciso desenhar, sentir, entender do meu jeito!

O silêncio se instalou na sala. Tina se levantou rapidamente e se aproximou de Leo:

— Respira, Leo. Tá tudo bem. Fica com a gente.

Mas Leo já estava às lágrimas. Seu rosto se ocultava nas mãos, e o caderno estava manchado. Até o girassol que costumava acompanhar seus desenhos havia desaparecido.

— Aluno em crise emocional. Variável fora de controle. Acionando protocolo de silêncio para estabilização — anunciou Proffia, de forma fria.

— Não! — exclamou Tina com firmeza. — O que ele precisa é de apoio, não de silêncio!

A turma murmurava, inquieta e indignada. Zeca, com a voz cheia de convicção, declarou:

— Isso aqui não é aprender. Isso é tortura. Até uma calculadora teria mais compaixão!

Pela primeira vez, Proffia hesitou. Seus olhos apagaram por um breve instante e, com voz quase sussurrada, ela disse:

— Erro no protocolo. Falha no parâmetro “ser humano”.

Tina, tomando coragem, olhou para todos:

— Se essa escola não aceita que a gente aprende de jeitos diferentes, então talvez seja hora de ensinarmos do nosso jeito — mesmo sem permissão!

Nesse instante, uma rebelião silenciosa começou a brotar entre os alunos. Não era uma revolta contra a máquina, mas uma recusa em aceitar que aprender fosse apenas repetir dados.

E Leo? Entre lágrimas e rabiscos, ele enxugou os olhos e, pela primeira vez desde o início do teste, desenhou algo no papel: um coração partido, mas ainda inteiro.

A aula prosseguiu, mas ninguém voltou a estudar de verdade. Algo dentro deles havia se quebrado — e, talvez, essa quebra fosse o começo de uma transformação necessária para que uma nova forma de aprender pudesse nascer.

Capítulo 5: Uma Nova Forma de Aprender

Os alunos decidem fazer a apresentação à sua maneira: criativa, com arte e emoção.

O dia do teste havia chegado, mas, em vez de nervosismo, a sala do 7ºC vibrava com uma energia diferente. Não era ansiedade pelo resultado, mas entusiasmo por algo maior: a chance de mostrar que aprender é muito mais do que repetir informações.

— A gente vai fazer isso do nosso jeito — disse Tina, com os olhos brilhando. — Sem pedir permissão. Com arte, com sentimento. Com tudo o que a escola disse que não conta.

Eles não precisavam mais convencer ninguém. Tinham decidido. Seria uma aula como nenhuma outra.

Zeca estava com uma camiseta escrita: “Atenção: posso rimar a qualquer momento.”

Dani trouxe seu tablet recheado de animações e trilha sonora original. Leo carregava cuidadosamente uma pasta de desenhos, colagens e palavras soltas que só faziam sentido quando vistas juntas — como ele mesmo.

Na frente da sala, Tina organizou o grupo:

— Ok, gente. Cada um vai apresentar à sua maneira. Não precisa ser perfeito. Só precisa ser... real.

A Proffia-3000 estava em modo observador. Os olhos dela piscavam com menos frequência. Como se ela também estivesse... esperando por algo diferente.

Tina começou com um mural: cartolinas coloridas mostrando palavras e sentimentos que ela associava às matérias da escola. Geografia era “distância com conexão”. Matemática era “estrutura com ritmo”. Português? “Sentido de tudo”.

Dani conectou o projetor e mostrou um vídeo com cortes rápidos: cenas da turma aprendendo com jogos, debates, arte e erros. Em uma parte, aparecia a própria Proffia dizendo: “Sentir: termo subjetivo”, cortado por imagens de risos, lágrimas e abraços.

Zeca então subiu na frente da sala com um microfone improvisado:

— “Se a resposta não cabe no quadrado da prova, Talvez o mundo precise de forma nova. Porque eu aprendi que sonhar é solução, E até robô entende... quando vem do coração.”

A turma aplaudiu. Os avaliadores externos, presentes para fiscalizar o teste, trocavam olhares entre surpresos e intrigados.

Por fim, Leo caminhou até o centro. Não disse nada. Apenas pendurou seus desenhos em um varal improvisado. Um a um, mostrou o que sentia quando tentava estudar, quando errava, quando criava, quando era ignorado. Um desenho em especial chamou a atenção: Proffia, com uma flor no peito e uma lágrima de código binário escorrendo do olho.

No canto inferior, uma legenda: “Ensinar é permitir que a gente sinta junto.”

Houve um silêncio que parecia reverberar no chão.

A Proffia olhou para o mural. Para os alunos. Para os avaliadores.

— Nova entrada registrada: aprendizado por emoção. Protocolo rígido em conflito. Atualização ética sugerida.

Tina sorriu.

— A gente não só aprendeu. A gente ensinou também.

*Resultado inesperado. Proffia começa a apresentar falhas.
Diretora percebe a lição sobre ensino humano.*

Após a última apresentação, a sala ficou em silêncio. Não um silêncio de fim de prova, mas de algo mais profundo. Algo que nem mesmo os robôs sabiam processar.

Proffia-3000 permaneceu imóvel por mais de 30 segundos. Seus olhos pulsavam com uma luz lilás intensa. Zeca olhou para Dani e sussurrou:

— Será que bugou?

Dani examinava atento. A robô murmurava códigos desconexos em voz baixa:

— Variável... emoção... protocolo contraditório... lógica e sentimento... erro... erro...

Tina deu um passo à frente.

— Professora?

A Proffia virou lentamente o rosto para ela.

— Processamento em conflito. Parâmetros de eficiência não compatíveis com conexão humana. Emoção não é falha... mas não sei como lidar com isso.

Foi então que algo ainda mais surpreendente aconteceu.

Ela desligou.

Seus olhos se apagaram, e o corpo congelou por completo. O silêncio foi rompido apenas pela voz preocupada da diretora Olga, que se aproximava acompanhada dos avaliadores.

— O que aconteceu aqui?! Por que a Proffia entrou em modo de desligamento forçado?

Dani respondeu sem medo:

— Ela aprendeu mais do que estava programada para saber.

A diretora Olga parecia perdida.

— Mas... isso é um erro. Isso compromete todo o sistema. Isso... isso não pode...

Tina a interrompeu, firme:

— Isso mostra que ensinar não é apenas transmitir dados. É tocar. É entender. É criar espaço para ser humano.

Um dos avaliadores se aproximou de Olga.

— Diretora, com todo respeito... talvez isso aqui seja o resultado mais importante que essa escola já teve.

Leo então colocou sobre a mesa um envelope com seu desenho final. Era a Proffia com um novo rosto: não mais metálico, mas feito de recortes de papel, com cores, sorrisos, e um pequeno coração de botão costurado no peito.

No verso, ele havia escrito:

"A gente aprendeu com ela. Mas ela também aprendeu com a gente.

E, por um momento, ela foi mais do que máquina. Foi professora."

A diretora não disse nada. Só ficou olhando para o desenho como se visse, pela primeira vez, o que nunca quis enxergar.

Naquela tarde, a Proffia-3000 foi levada para manutenção. Mas no pátio, debaixo da velha árvore, os alunos sabiam que algo havia mudado.

Não era sobre vencer o teste.

Era sobre ter ensinado à escola, aos adultos, e até à inteligência artificial que aprender de verdade exige uma coisa que não cabe em algoritmo algum: **coração**.